

**A LÍNGUA JAPONESA NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS:
ORIENTE X OCIDENTE**

Raphael dos Santos Miguelez Perez (UERJ)
raphael.kaworu@gmail.com

1. Introdução

A língua japonesa possui características bastante singulares em sua escrita que a difere bastante das línguas baseadas em alfabetos. Tal peculiaridade, naturalmente, se faz presente também nos os jornais japoneses.

O japonês é grafado por meio de três sistemas de escrita: *hiragana*, *katakana* e *kanji*. Os dois primeiros são fonogramas (diferentes do alfabeto romano, não são baseados em letras, mas em sílabas) e o último é composto por ideogramas, de origem chinesa. Uma breve explicação a respeito do uso desses três sistemas de escrita se faz necessária.

O *kanji* foi o primeiro sistema de escrita que os japoneses utilizaram. Surgiram por volta de 2.500 a. C., na China, quando eram apenas pictogramas, evoluindo, no período entre os séculos III a. C. e III d. C., para os ideogramas utilizados hoje em dia, cada um possuindo um significado. Os japoneses tomaram emprestados da China esses ideogramas e passaram a lê-los como se pronunciava as palavras já existentes na língua japonesa, o que resultou em diversas leituras para um mesmo ideograma. Hoje são utilizados para grafar grande parte dos substantivos, os radicais de verbos e adjetivos e alguns advérbios. Usa-se no Japão, atualmente, mais de 2000 ideogramas. (Centro de Estudos Japoneses, 1989, p. 15 e 16)

A partir da escrita chinesa desenvolveram-se outros dois sistemas de escrita: o *hiragana* foi inicialmente utilizado pelas mulheres da nobreza, por volta dos séculos VIII e IX, escritos como formas simplificadas dos complexos ideogramas (as mulheres não tinham acesso às letras nesse período); o *katakana* surgiu como uma abreviação do *kanji*, utilizado inicialmente pelos monges, quando realizavam notações dos sutras escritos em chinês, por volta do século V. Na época não havia uma padronização das funções de cada forma de escrita. Isso só se deu a partir de 1900. Atualmente, os dois sistemas fonográficos são compostos por 46 fonogramas cada. O *hiragana* é utilizado para grafar elementos gramaticais (partículas, sufixos flexionáveis etc.) e o *katakana*, para grafar pala-

bras de origem estrangeira e onomatopeias, ou mesmo para dar ênfase a alguma palavra. (Centro de Estudos Japoneses, 1989, p. 17-19)

Além dos sistemas principais citados acima, também é usado o alfabeto romano no Japão, chamado de *roomaji*, geralmente para facilitar para os estrangeiros o entendimento de nomes de cidades, estações de trem etc. Algumas letras, no entanto, costumam aparecer em forma de siglas nos jornais nipônicos. Tendo em vista essa mistura de formas variadas de representação escrita, é de se esperar que a língua japonesa apresente diferenças significativas em relação às línguas ocidentais que usam alfabetos.

Este trabalho pretende, assim, apresentar e analisar as principais características da língua japonesa escrita nas manchetes de jornais, corpus deste trabalho. Para buscar essas manchetes, utilizei os sites oficiais dos jornais NHK e Asahi, dois dos mais difundidos no Japão. Como este trabalho, no entanto, é um apanhado da pesquisa realizada há um ano por mim como monografia de conclusão de curso de graduação, as manchetes de jornais aqui utilizadas não são exatamente recentes, mas são perfeitamente aplicáveis ao que o trabalho se propõe.

Pretendemos, portanto, apresentar propriedades dos jornais nipônicos e realçar a economia linguística presente neles devido à necessidade de se transmitir muito através de poucas palavras. Analisaremos também os constantes estrangeirismos, amplamente usados no japonês dos dias atuais, não apenas nos jornais. Assim, não discutirei aqui as implicações geradas pela economia linguística e pelos estrangeirismos nem as vantagens e desvantagens dessa evolução da língua japonesa. Trata-se, apenas, de um trabalho descritivo.

2. Fundamentação teórica

Japanese newspapers use certain sentence forms, phrases, and words which are not common to other writing. (MAKINO; TSUTSUI, 2003, p. 41)

A linguagem jornalística possui características próprias. Seja em que idioma for, essa linguagem está diretamente relacionada à questão do pouco espaço e do alto custo de um anúncio, resultando no que chamamos de economia linguística. Não apenas por razões econômicas, as manchetes de jornais também são estruturadas de forma a causar impacto. Pode-se dizer, então, que essas propriedades da linguagem jornalística

é comum a várias línguas, se não todas, variando de acordo com o sistema de escrita empregado em cada uma.

Na língua japonesa, o uso dos ideogramas evidencia a economia linguística, uma vez que cada ideograma possui um significado, o que permite uma fragmentação frasal maior, buscando suporte para entendimento no raciocínio lógico do leitor. A estruturação da frase contida nos jornais nipônicos, portanto, é bastante peculiar dessa língua, apresentando diferenças notáveis em relação a línguas que utilizam alfabeto romano, como o português, por exemplo.

“Newspaper information tends to be fragmentary and have logical gaps (...)”. (Kit Teaching Materials Development Group, 2001, p. ii)

Para melhor entendimento do princípio da economia linguística presente nos jornais, faz-se necessário uma explicação acerca do assunto, analisando o fenômeno na língua japonesa de modo geral.

Fumio Tamamura, em seu texto *Ryakugo / Ryakkihou* (TAMAMURA, 1988, p. 539), explica que o objetivo de se encurtar a linguagem se dá tanto por conveniência fonética quanto por uso proposital em meios sociais específicos. Ele exemplifica isso com algumas palavras como *musho*, abreviação de *keimusho* (prisão), termo usado informalmente por aqueles que estão relacionados a esse espaço social específico. Quanto às palavras comuns entre os estudantes, o autor cita *bashuu*, abreviação de *basuketto shuuzu* (basket shoes – tênis de basquete). Tamamura afirma, então, que o uso de abreviações pode se dar por diversos motivos, entre eles criar intimidade, ser interessante ou mesmo para não se fazer entender propositalmente.

O teórico classifica esses termos abreviados em três grupos: *tan-shiki* (simples), *fukushiki* (composto) e uma terceira categoria que engloba o restante.

Os termos pertencentes ao grupo simples são aqueles cuja abreviação se dá ao retirar uma parte da palavra ou de um termo. Ex.: *baito* (proveniente de *arubaito*, que significa trabalho temporário); *koukou* (proveniente de *koutou gakkou*, que significa ensino médio); *depaato* (proveniente de *depaatamento sutoa*, que significa loja de departamentos); *kuubo* (proveniente de *koukuu boku*, que significa porta-aviões).

No grupo composto, temos os termos construídos a partir de duas ou mais palavras diferentes, resultando em uma combinação de partes de cada palavra do termo original. Ex.: *nyuushi* (proveniente de *nyuugaku*

shiken, que significa vestibular); *rimokon* (proveniente de *rimooto kontooru*, que significa controle remoto). Há ainda casos de abreviação resultante de uma frase, como no caso de *umisen yamasen*, expressão usada para designar pessoas espertas, que conseguem o que desejam mesmo que enganando os outros. Essa expressão teve origem a partir da frase: *Umi ni sennen, yama ni sennen* (Cem anos no mar e cem anos nas montanhas).

O terceiro grupo apresentado por Tamamura não se define exatamente como abreviação, visto que não se trata de palavras formadas por encurtamento ou por combinação de partes de palavras diferentes, mas de termos criados a partir de uma ideia original. Por exemplo, *Beikoku*, que significa Estados Unidos, é grafado por completo como *Amerika Gasshuukoku* (Estados Unidos da América); o termo *Pararinpikku*, que significa Paraolimpíadas, no original seria *Kokusai Shintai Shougaiisha Sumpoosu Taikai* (Jogos Paraolímpicos).

No que diz respeito à economia linguística verificada nos jornais impressos ou nos noticiários da televisão, Tamamura enfatiza três características principais. (p. 540)

A primeira pode ser percebida mais claramente nos classificados, onde o espaço para anunciar é caro e reduzido, o que impossibilita a redação de textos longos. Sendo assim, é comum ocorrer nominalização dos verbos, omissão de partículas (marcadoras de função sintática) e omissão dos *okurigana* (parte flexionável dos verbos e adjetivos, grafada em *hiragana*). Basicamente, usam-se apenas ideogramas, já que cada um possui significado, o que não compromete, então, a compreensão do anúncio. Como exemplo, temos a palavra *dohan*, que aparece nos classificados de emprego. Essa palavra significa trabalhar meio período aos sábados. O original seria *doyou handon*, mas como o *do* de *doyou* significa sábado e o *han* de *handon* significa metade, uma vez que esse termo esteja contextualizado, que é o caso do anúncio de emprego, provavelmente será assimilado com facilidade.

A segunda característica apontada pelo autor é a abreviação de substantivos próprios. A cidade de Nova York, por exemplo, é grafada em *katakana* como *Nyuu Yooku*, mas costuma aparecer nos jornais como *NY*. O mesmo ocorre com *Nyuu Jiirando* (Nova Zelândia), grafada como *NZ*. *Arabia sekiyu* (petróleo da Arábia Saudita), por sua vez, pode aparecer como *Araseki*, estando *ara* em *katakana*, por ser um termo estrangeiro, e *seki* em *kanji*, por ser um substantivo japonês. É mais comum en-

contrar esses termos nas colunas de economia, esportes e em nomes de organizações como universidades e empresas.

Por fim, Tamamura incluiu uma terceira categoria para abranger outras abreviações comuns: *ATsha* (proveniente de *ootomachikkusha*, que significa carro automático – *AT* aparece em letras romanas e *sha* em *hiragana*, enquanto no termo original *ootomachikku* aparece em *katakana* e *sha* em *hiragana*); *shinpo* (proveniente de *shinpojiumu*, simpósio); *Whai* (proveniente de *Waarudo Kappu*, Copa do Mundo – *W* é grafado em letras romanas, representando *world* e *hai*, em *kanji*, representando *cup*).

A despeito dos estrangeirismos, estes já vêm sendo amplamente inseridos na língua japonesa há bastante tempo. Os empréstimos linguísticos começaram a aparecer através do chinês, como explicado na introdução, passando pelo holandês e pelo português (quando da comercialização com Holanda e Portugal, por volta dos anos 1500), tendo seu auge a partir da era Meiji (1868), quando o japonês incorporou ao seu vocabulário diversas palavras das línguas europeias, uma vez que começaram a ter contato com os povos desse continente. Com a Segunda Guerra Mundial e o domínio dos americanos no Japão, a língua japonesa automaticamente incorporou ao seu léxico palavras da língua inglesa. Esse fenômeno continua bastante forte hoje em dia, dada a popularização do inglês, inclusive nos jornais, como indica o trecho abaixo:

Daily communication in Japan is filled with *katakana* words, or loanwords. Sanseido's *Concise Katakana Dictionary* contains 43,000 loanwords as well as 7,000 alphabet-based abbreviations. *Katakana* words constitute 10% of the 230,000 entries in the most recent edition (5th) of the dictionary *Koojien*, and represent one-third of the newest additions. Articles in newspapers and other printed media now use a high percentage of *katakana* words, and a survey by Eriko Nakayama (*Japanese Language Education*, v.96) found that a typical newspaper, even excluding its help-wanted section and advertisements, uses an average of 1,920 *katakana* words (907 variations) daily. (SAKAI; NISHIHIRA, 1999, p. 9)

3. *Características dos jornais japoneses*

Passemos, então, à análise de algumas das principais características presentes nos jornais nipônicos através de manchetes retiradas dos jornais NHK e Asahi.

Os termos entre parênteses apresentados nos exemplos foram acrescentados por mim para simular como seria a frase naturalmente. As

traduções das notícias também foram feitas por mim. Finalmente, o uso do alfabeto romano para grafar as palavras japonesas se justifica por questões de praticidade para o leitor.

3.1. Omissão de elementos gramaticais

Diferente das línguas ocidentais que usam o sistema de escrita romano, por exemplo, é possível, no japonês, omitir termos gramaticais. As partículas, por exemplo, marcam a função sintática dos termos na frase. No entanto, mesmo sem elas é possível compreender o sentido dessas sentenças pela lógica. Omitir verbos inteiros também parece impensável na língua portuguesa, mas é possível na língua japonesa.

Exemplo: *Takahashi Rumiko-san (no) shinsaku, eiyaku (wo) netto (de) haishin(suru) – Kaizokuban ni sente (da)* (Asahi: 26/04/09)

Tradução: Nova obra de Rumiko Takahashi é disponibilizada em inglês na internet – Incentivo à pirataria

Nesse caso, partículas como *no* (ligação entre dois substantivos, indicando posse ou relação entre os dois), *wo* (acompanha o objeto direto) e *de* (indica o meio através do qual algo é realizado), bem como o verbo *suru* (fazer) e o auxiliar marcador de predicado nominal *da* (muitas vezes traduzido como “ser”, embora não seja um verbo), foram omitidos sem causar incompreensão.

Vejamos outro exemplo:

Exemplo: *Nomura – 7000 oku en yo no akaji ni (naru)* (NHK: 24/04/09)

Tradução: Nomura – Déficit de aproximadamente 700 bilhões de ienes

Aqui, o destaque é para o verbo *naru* (tornar-se), sempre precedido da partícula *ni*. *Akaji ni naru* significa estar no vermelho, ou seja, indica déficit. O simples uso da partícula *ni* sem o verbo *naru*, no entanto, já transmite a ideia de mudança de estado.

3.2. Preferência pelo tempo presente e nominalização dos verbos

Características presentes também nas manchetes dos jornais brasileiros, a preferência pelo uso do presente e a nominalização dos verbos também são encontradas nos periódicos nipônicos.

Exemplo: *Kitachousen – Tankyori misairu (wo) hassha(shita)* (NHK: 29/05/09)

Tradução: Coreia do Norte – Lançamento de míssil de curta distância

A frase original na manchete está nominalizada, tornando desnecessário o verbo *suru* (fazer), que transforma em verbo o substantivo *hassha* (lançamento). No entanto, a nominalização de verbos impede uma localização temporal, o que, entretanto, é característico da linguagem jornalística em geral e já está subentendido que se trata de um ocorrido, ou seja, uma ação que já aconteceu.

Vejamos outro exemplo:

Exemplo: *Maikeru Jakuson-san (ga) kyuushi(shita) – “Suriraa” (ga) I oku mai (ureta)* (Asahi: 26/06/09)

Tradução: Morte repentina de Michael Jackson – 100 milhões de cópias vendidas de “Thriller”

A nominalização mais uma vez se faz presente na primeira parte da manchete. No japonês falado no dia-a-dia, poderia acrescentar a *kyuushi* (morte repentina) o verbo *suru* (fazer) no passado, *shita*, resultando em um verbo: *kyuushisuru* (morrer de forma repentina). A omissão de *ga*, marcadora de sujeito, também não impede a compreensão da frase, dada a impossibilidade de haver outro sujeito que não Michael Jackson. Na segunda parte da manchete, verificamos a omissão do verbo *ureru* (vender – no passado, *ureta*), visto que *I oku mai* (100 milhões de cópias) já é subentendido como o número de cópias vendidas, tornando a presença do verbo desnecessária.

3.3. Fragmentação frasal

Muito comum nos jornais japoneses é a fragmentação da frase, objetivando mais dinamismo na manchete.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Exemplo: *Idenshi (wo) tsukawazu iPS saibou (wo sakuseisuru) – Beidoku (no) chiimu (ni yoru to), ganka(suru) risuku (ga) teigen(suru) to iu koto da* (ASAHI: 26/04/09)

Tradução: Células iPS descartam uso de material genético – Time americano e alemão afirmam diminuição do risco de câncer.

A notícia está fragmentada em duas partes, com bastantes omissões de termos. Em uma tentativa de reescrever a manchete como uma única oração, sem fragmentação, pode-se fazer a seguinte construção: *Amerika to Doitsu no kenkyuu chiimu ni yoru to, idenshi wo tsukawazu, iPS saibou wo sakuseisuru to, gankasuru osore ga teigensuru to iu koto da* (De acordo com o time de pesquisadores americanos e alemães, ao se produzir células iPS, sem usar material genético, diminui-se o risco de se ter câncer).

A partir dessa reescritura, pode-se perceber a substituição do uso de *Beidoku* por *Amerika to Doitsu* (ambos significando EUA e Alemanha), mais usado diariamente, enquanto aquele é utilizado nos jornais por questões econômicas, visto que é escrito com apenas dois ideogramas. Acrescentei também o termo *kenkyuu* (pesquisa), visto que *chiimu* (time) pode se referir a qualquer tipo de time, entendido nesse contexto apenas porque se trata de uma notícia científica. Substituí também *risuku* por *osore* (ambos significam risco), uma vez que aquele é de origem inglesa (*risk*), sendo desnecessário.

Vejamos outro exemplo de fragmentação:

Kodai (kara) uchuu ni nazo no gasukumo “Himiko” (ga) haken(sareta) – Nichibeiou (no) kenkyuu chiimu (ni yotte) (Asahi: 26/04/09)

Tradução: Descoberta da nuvem gasosa “Himiko”, mistério no espaço desde os tempos antigos – Time de pesquisadores japoneses, americanos e europeus.

Reescrevendo a manchete sem fragmentação, na ordem natural, temos a seguinte possibilidade de oração: *Nihon to Amerika to Yooroppa no kenkyuu chiimu ni yotte, kodai kara uchuu ni nazo no gasukumo “Himiko” ga hakkensareta* (A nuvem gasosa “Himiko”, mistério no espaço desde os tempos antigos, é descoberta por time de pesquisadores japoneses, americanos e europeus).

Nesse caso, não fiz muitas substituições, com exceção do termo *Nichibeiou*, junção do nome de dois países e um continente em apenas três ideogramas, substituídos por *Nihon*, *Amerika* e *Yooroppa* (Japão, EUA e Europa). Acrescentei, ainda, o termo *ni yotte* (indica autoria) e a partícula *kara* (desde) e também transformei em verbo o substantivo *hakken* (descoberta), usando *suru* (fazer) no passado e na voz passiva (*sareta* – foi feito).

3.4. Nomes de países e de organizações e outras abreviações comuns

É bastante comum abreviar substantivos próprios, como nomes de países, de empresas, de instituições, entre outros. Em português podemos fazê-lo, dependendo do substantivo. Em japonês, no entanto, esses termos abreviados são mais numerosos.

Quanto aos nomes de países, a grande maioria deles é grafada em *katakana*, por se tratar de nomes estrangeiros. No entanto, muitos desses países possuem um único ideograma que os japoneses utilizam para representá-los mais facilmente. É o caso de *Doitsu* (Alemanha), por exemplo, podendo ser grafado com um único ideograma com leitura *doku*. O mesmo ocorre com *Amerika* (EUA), grafado com um ideograma de leitura *bei*; *Burajiru* (Brasil), grafado como *haku*; *Furansu* (França), grafado como *butsu*; etc. O mesmo ocorre com países grafados usando ideogramas, como *Nihon* (Japão), *Kankoku* (Coreia do Sul) e *Chuugoku* (China), por exemplo. Nesses casos, usa-se um ideograma para representá-los, ideogramas estes com as respectivas leituras: *nichi* (para Japão), *kan* (para Coreia do Sul) e *chuu* (para China).

A combinação de dois ou mais países ou continentes em um único termo também é feita utilizando os ideogramas representantes de cada país, como por exemplo: *Nikkan*, proveniente de *Nihon* (Japão) e *Kankoku* (Coreia do Sul); *Nippaku*, de *Nihon* (Japão) e *Burajiru* (Brasil); *Oubei*, de *Yooroppa* (Europa) e *Amerika* (EUA).

Quanto aos nomes de organizações, também é bastante comum usar um ideograma de cada substantivo utilizado no nome para abreviar, como também fazemos, mas não com ideogramas, geralmente utilizando apenas as iniciais de cada nome. *Nichigin*, por exemplo, representa o Banco do Japão (*Nihon Ginkou*); *Toudai*, por sua vez, é proveniente de *Toukyou Daigaku* (Universidade de Tóquio); *Jimin* representa o Partido

Liberal Democrata (*Jiyuu Minshutou*); *Keidanren* vem de *Nippon Keizai Dantai Rengoukai*, no inglês, *Japan Business Federation*; *Monkashou* significa Ministério da Educação, da Cultura, dos Esportes, da Ciência e da Tecnologia, proveniente de *Monbukagakushou* (pode-se usar também *Monbu* ou *Monbushou* como abreviação para o termo).

Não apenas a partir de ideogramas, recentemente vêm aparecendo bastante nos jornais abreviações como as que usamos no Ocidente, utilizando letras romanas. Por exemplo, o Fundo Monetário Internacional (FMI) possui um nome em japonês, no caso, *Kokusai Tsuuka Kikin*. A abreviação desse termo nos jornais, no entanto, segue a americana e aparece como *IMF*. A cidade de Nova York também, por sua vez, aparece muitas vezes como *NY*, embora originalmente seja grafada em *katakana* como *Nyuu Yooku*. O termo que designa Comunidade Econômica Europeia (CEE) também vem sendo grafado nos jornais como *EC* (*European Community*), sendo o termo original *Oushuu Keizai Kyoudoutai*. Vale chamar atenção também para alguns termos interessantes, abreviados reunindo ideograma e letra romana, como *HatsuV*, sendo *hatsu* um ideograma que significa “primeiro” e *V* representando “vitória”, termo usado, naturalmente, para designar a primeira vitória de um time, por exemplo.

Para exemplificar essas abreviações, seguem duas manchetes:

NY de 8 nin (no) kansen (ga) kakunin(sareta) – Mekishiko (ni) shisha (ga) 81 nin ni (naru) – Buta Infuru(enza) (Asahi: 26/04/09)

Tradução: Oito pessoas infectadas em Nova York – Sobe para 81 o número de mortos no México – Gripe Suína

Verificam-se nesse exemplo algumas características já citadas antes, como a questão da fragmentação, a omissão de elementos gramaticais e a presença de abreviações. No que se refere a essas abreviações, ênfase aqui o uso de *NY* para designar a cidade de Nova York e o termo *infuru*, cuja forma completa é *infuruenza*, que significa gripe.

Vejamos outro exemplo:

IMF no shikin (no) kiban (no) kyouka de goui(suru) – Hajimete saiken hakkou e (Asahi: 26/04/09)

Tradução: FMI faz acordo devido ao fortalecimento de seu capital – Emissão de obrigações pela primeira vez

Como dito anteriormente, apesar de haver o termo *Kokusai Tsuuka Kikin* para designar o FMI, é normal abreviar esse termo para o equivalente em inglês, *IMF*.

3.5. Estrangeirismos

No início do trabalho comentei a respeito dos empréstimos linguísticos bastante utilizados na língua japonesa, principalmente aqueles provenientes da língua inglesa. Essas palavras, grafadas em *katakana*, também sofrem abreviações por questão de economia linguística.

Entre termos comuns já dicionarizados e que não sofrem abreviação temos *sutairu* (*style* - estilo), *buumu* (boom), *risaikuru* (*recycling* - reciclagem), *misairu* (*missile* - míssil) etc.

Outros termos, também dicionarizados e amplamente difundidos entre os japoneses, não costumam ser utilizados em sua forma original completa, apenas na abreviada, como *terebi* (*terebijon* – *television* – televisão), *konbini* (*konbiniensu sutoa* – *convenience store* – loja de conveniências), *infuru* (*infuruenza* – *influenza* – gripe), *pasokon* (*paasonaru konpyuutaa* – *personal computer* – computador), *eakon* (*ea kondishonaa* – *air conditioner* – ar condicionado), *dejikame* (*dejitaru kamera* – *digital camera* – câmera digital), *meruado* (*meeru adoresu* – *mail address* – endereço de e-mail), *sekuhara* (*sekusharu harasumento* – *sexual harassment* – assédio sexual), *amefuto* (*amerikan futtoooru* – *american football* – futebol americano), entre outros.

Há também abreviações combinando sistemas de escrita diferentes, como ideograma com *katakana* ou letras romanas com *katakana*. Exemplos: *netto torihiki* (transações pela internet), sendo *netto* abreviação de *intanetto* (internet), portanto grafada em *katakana*, e *torihiki* a palavra japonesa que significa transação, grafada com ideogramas; *shou ene* (economia de energia), sendo *shou* o ideograma que indica economia ou redução e *ene* a forma abreviada de *enerugii* (*Energie* – energia), proveniente da língua alemã, grafada, assim, com *katakana*; *notto PC* (notebook), sendo *notto* grafado em *katakana*, por ser proveniente da palavra inglesa *note*, e *PC* grafado com letras romanas, sendo abreviação de *personal computer*.

Além dessas características, confere-se cada vez mais presente nos jornais o uso de termos estrangeiros que, no entanto, possuem um equivalente de uso comum em japonês. Seguem alguns exemplos: *nan-*

baawan (number one – número um), usado muitas vezes para designar uma colocação em uma competição ou algo que se prefira a outro (o equivalente japonês poderia ser *ichiban*); *fesutibaru* (festival), tendo o equivalente japonês *matsuri*; *toraburu* (trouble – problema), tendo o equivalente *mondai*; *sosaetii* (society – sociedade), tendo o equivalente *shakai*; *suimingu* (swimming – natação), tendo o equivalente *suiei*.

O mesmo acontece com alguns verbos. Usa-se o verbo em inglês, geralmente (grafado em *katakana*), com o verbo *suru* (fazer), resultando em termos como *daunsuru* (down – diminuir), *surippusuru* (slip – escorregar), *supiidosuru* (speed – acelerar), *oopunsuru* (open – abrir), *sutaatosuru* (start – começar) etc. Esses verbos possuem os seguintes equivalentes em japonês, respectivamente: *heru*; *suberu*; *hayameru*; *akeru*; *hajimeru*.

4. Conclusão

Podemos concluir, portanto, através das análises das manchetes de jornais e da fundamentação teórica em que se baseou esta pesquisa, que a língua japonesa é rica em empréstimos linguísticos, principalmente aqueles oriundos da língua inglesa, e que uma de suas características mais evidentes é o fenômeno da economia linguística, frequentemente presente nos jornais.

O presente trabalho teve como objetivo fazer um apanhado dessas características da língua japonesa utilizada nos jornais nipônicos, comparando, na medida do possível, com os jornais ocidentais, principalmente os do Brasil.

Além disso, esta pesquisa também tinha como meta realizar uma análise de caráter mais descritivo e não crítico. Comentar sobre o uso de estrangeirismos em excesso, por exemplo, oferece uma gama de análises possíveis dos efeitos que tal prática causa tanto em termos sociais quanto em termos linguísticos. Foquei-me, no entanto, apenas em mostrar exemplos recorrentes de estrangeirismos e de casos de economia linguística na língua japonesa contemporânea a partir das manchetes de jornais.

Creio, assim, ter alcançado os objetivos a que me propus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASAHI. Disponível em: <<http://www.asahi.com>>. Acesso em: 26-09 e 29-05/2009.

CENTRO de Estudos Japoneses. *Introdução à gramática da língua japonesa*. São Paulo: USP, 1989.

JO, Cecilia Kimie. Fatores com a mídia, globalização, interferindo na criação de uma nova linguagem. In: *XVI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA*, ago. 2005, Brasília (DF). *Anais*. Brasília: 2005.

KAMADA, Osamu *et al.* *Ikita sozai de manabu – Chuukyuu kara joukyuu e no nihongo*. 32. ed. Tóquio: The Japan Times, 2008.

Kanji Ryakugo Ichiran. Disponível em: <http://ja.wikipedia.org/wiki/kanji_ryakugo_ichiran>. Acesso em: 28-06-2009.

Katakana Ryakugo Ichiran. Disponível em: <http://ja.wikipedia.org/wiki/katakana_ryakugo_ichiran>. Acesso em: 28-06-2009.

KIT Teaching Materials Development Group. *How to Read a Japanese Newspaper 2001*. 4. ed. Tóquio: Bonjinsha, 2001.

MAKINO, Seiichi; TSUTSUI, Michio. *A Dictionary of Intermediate Japanese Grammar*. 23. ed. Tóquio: The Japan Times, 2003.

MATSUDA, Hiroshi *et al.* *Teema betsu – Chuukyuu kara manabu nihongo waakubukku*. 2 ed. Tóquio: Kenkyusha, 2006.

MIZUTANI, Osamu; MIZUTANI, Nobuko. *Nihongo through Newspaper Articles*. 4. ed. Tóquio: The Japan Times, 1999.

NHK. Disponível em: <<http://www.nhk.or.jp>>. Acesso em: 24-04, 29-05 e 29-06-2009.

SAKAI, Noriko; NISHIHARA, Kaoru. *Nyuusu kara oboeru katakanago 350 (Shokyuu kara chuukyuu e)*. Tóquio: ALC, 1999.

SASAKI, Mizue. *Shouryakugo – Shiyoujou no Chuui*. Disponível em: <<http://www.nihongonosekai.com/newspapers/20050218yomiuri/index.html>>. Acesso em: 28-06-2009.

Shinbun no Shouryakugo. Disponível em: <http://akira.arts.kuleuven.ac.be/japans/index.php/shinbun_no_shouryakugo>. Acesso em: abr-jul. 2009.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TAMAMURA, Fumio. Ryakugo / Ryakkihou. In: KINDAICHI, Haruhiko; HAYASHI, Oki; SHIBATA, Takeshi. *An Encyclopaedia of the Japanese Language*. Tóquio: Taishuukan Shoten, 1988.